

FACES

Karina W.T.

Copyright © 2017 de Karina W.T.

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

Primeira edição, 2017

[facebook.com/Poemas-e-Cafés-da-Madrugada](https://www.facebook.com/Poemas-e-Cafés-da-Madrugada)

Ao universo, que conspirou para que esta obra fosse concluída.

A mim, por ter tido coragem de continuar.

E a você, leitor. Obrigada, desde já, por me dar esta chance.

CAPÍTULO I – ANNE

quinta-feira 22 de novembro de 2015

A passagem dos dias tornava-se cada vez mais lenta, mas para Anne o tempo sequer importava mais, pois suas referências eram o nascer e o pôr-do-sol. Viver sozinha tinha lá suas vantagens e uma delas era poder embebedar-se no meio do dia, sem ninguém para julgá-la ou olhar de canto de olho. Sentada em uma velha espreguiçadeira de madeira – cujos apoios deveriam levá-la a fazer um vai e vem que seria tranquilizador para uma velhinha de oitenta anos, porém irritante para a jovem de vinte e nove, ela admirava um sol poente no céu alaranjado. A poluição da cidade causava um efeito acinzentado logo acima do laranja, mas achava isso bem poético.

Nas redes sociais nenhuma notificação, nenhum amigo chamando-a para conversar e sair do tédio. Sentia que começava a ficar sóbria, então enviou uma mensagem para Leonardo.

“Encontro hoje?”

Se ele demorasse mais de um minuto para responder, ela desistiria e chamaria outra pessoa, pois, paciência não fazia parte de seu pacote de doçura e autodestruição. Mas, em menos de dez segundos ele respondeu, como se estivesse olhando o celular esperando que ela tomasse a iniciativa... O tipo de covardia adolescente que a irritava e a seduzia no garoto oito anos mais jovem.

“Hoje não posso, doçura... Estou no sítio da minha avó, há uns quarenta quilômetros de você.”

“Doçura”, ele escrevera. Mais uma coisa que a irritava e atraía, ao mesmo tempo. Leo era aquele tipo de cara maduro demais para a idade, com uma voz doce e um coração bom... E a necessidade quase desesperada de entender como funcionava a cabeça de uma mulher – ainda mais se essa mulher fosse mais velha. No fundo, Anne ficara contente por ele não poder estar com ela naquela tarde, pois sabia que em seu estado atual poderia dizer algo que não soaria bem aos ouvidos do jovem rapaz.

Foi para o quarto e escolheu um vestido preto sem mangas, um coturno simples e jaqueta de couro. Uma volta no parque seria interessante naquele momento, levaria embora a sensação de enjoo deixada pelos quinhentos mililitros de vodca. Quem sabe na volta não passasse no mercado e trouxesse mais uma garrafa cheia.

Caminhar pelas ruas quase vazias – que rotineiramente eram tão cheias – fazia Anne sentir-se como a última sobrevivente de um apocalipse zumbi. Certo, nem tanto, afinal alguns carros ainda apareciam na rua. O feriado estava quase acabando.

Caminhou por todo o parque duas vezes, viu a fonte esguichar água num casal apaixonado e riu quando flagrou-se desejando que eles se molhassem inteiros. Após a caminhada em círculos, sem coordenar o próprio cérebro e corpo acabou na avenida Houston, que daria na Rua Fitz... Uma visita – inesperada? – ao passado.

Parou na esquina da avenida com a rua e ficou olhando o prédio antigo. Ainda lembrava-se do número do apartamento: dezoito, assim como a idade que ela tinha quando vivera a época mais feliz de sua vida... Aquelas visitas ao seu passado feliz não eram rotineiras, mas aconteciam algumas vezes e mesmo que fossem dolorosas, a faziam feliz de alguma forma. Não era das mais românticas, apesar de apreciar as

poesias de Byron, mas sempre que ouvia falar de amor no seu sentido mais profundo, aquele nome vinha em sua cabeça e com o nome, todos os momentos que eles passaram juntos. E quando virou a esquina afim de voltar para o rumo que a levaria para longe, disse em voz alta: “Esta é a última vez.”

CAPÍTULO II – HANNA

segunda-feira 26 de novembro de 2015

A segunda-feira estava cinzenta quando ela acordou às dez da manhã, mas para Hanna não importava a cor do céu: precisava levantar e arrumar-se para ver o homem com quem passara a noite sonhando. Sentia-se culpada, mas era uma culpa gostosa de sentir, algo que não atiçava apenas os seus desejos, mas seus pensamentos mais criativos.

Lucas era bonito, mas não aquele bonito do tipo galã de cinema; ele tinha uma beleza que casava com a inteligência, só de observá-lo podia-se notar em seu olhar a perspicácia e a justiça. Ele tinha aquele ar de super-herói, aquele homem que iria salvá-la de afundar-se em desejos mais do que proibidos.

Hanna precisava levantar-se logo, pois a reunião estava marcada para as onze e meia. Criou coragem e correu para o banheiro, onde tomou o que sua mãe chamaria de “banho de gato”, rápido demais para limpar alguma coisa. Escolheu uma saia mídi e uma camisa bordada na cor branca, aquele era o dia em que fecharia negócio – não da forma e nem com quem desejava – com uma empresa multinacional do ramo cosmético. Representar a empresa no país seria um grande salto para a companhia, para sua carreira como executiva de contas e obviamente para o proprietário da organização, Lucas.

Às vezes Hanna se pegava pensando no quão clichê era sua situação amorosa atual: a funcionária dedicada se apaixona pelo chefe e ele sequer a enxerga como uma mulher, voltando para casa cedo todas as noites para jantar com a esposa linda, uma ex-modelo de uma famosa marca de roupas íntimas, e que passava o dia fazendo tratamentos estéticos, comprando joias e vestidos caros. Mas, saber que era um clichê e que ela jamais o teria em seus braços – e muito menos entre suas pernas – não a impedia de sonhar.

No trânsito para o trabalho, Hanna recebeu uma ligação e resolve estacionar para atender.

- Hanna falando.

- Oi Hanna, é o Lucas.

Deus, aquela voz... Suave e rouca soando em seu ouvido, ela apenas se lembrava do sonho daquela noite.

- Sim Lucas, pode falar.

- Eu vou me atrasar para a reunião, quero que leve Mark e os sócios para a sala de reuniões e comece a apresentar o projeto.

- Lucas, você tem certeza? Não será de bom tom que você chegue no meio da apresentação para explicar os números, os investidores podem entender que você não...

- Eu sei que te pago para pensar, mas agora só preciso que faça isso por mim. – Ele a interrompeu e as palavras dele, mesmo que num tom suave e amigável, doeram nela.

- Tudo bem. – Hanna buscou simpatia no âmagô de seu ser para responder sem soar chateada, e conseguira.

Esta reunião era uma das mais importantes da carreira dos dois, e como presidente da companhia ele deveria estar presente. O que seria mais importante que isso? Uma crise de enxaqueca da mulher? Ou um fim de semana romântico e prolongado em uma pousada distante, onde o casal comemorara seis anos de casamento?

Resolveu parar de se torturar com a ideia de Lucas tendo outra mulher – a esposa! – e dirigir.

- Bom dia senhorita, Mark e os sócios já chegaram e estão fumando no jardim. Devo chamá-los? – Perguntou Beth, a recepcionista.

- Não, pelo amor de Deus, deixe a Yakuza se divertir e fumar quantos cigarros quiser, afinal, ainda faltam quinze minutos para a reunião começar. Esses japoneses são duros na queda e o Lucas vai se atrasar. Por favor Beth, ofereça café a eles enquanto vou buscar os portfólios.

Há tempos Hanna não se sentia daquele jeito, era uma mistura de ansiedade com excitação. Já sozinha em seu escritório organizava os portfólios enquanto falava sozinha:

- Lucas, se você não fosse o gerente mais gato e competente que eu já tive... Eu te abandonaria agora. Como é possível me deixar só num momento crucial destes?

Ela ouviu grunhidos no banheiro de sua sala e sua espinha congela. Será que a pessoa que estava ali ouvira o que ela dissera sobre seu chefe? Sentou-se em sua larga cadeira giratória quando viu Lucas sair do banheiro com os olhos arregalados e a mão direita sobre a sobrancelha.